**16º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

Beato Paulo Goidych, bispo e mártir; Santa Marcelina, irmã de Santo Ambrósio e de São Sátiro

*Gen* 18, 1-10; *Sal* 14; *Col* 1, 24-28; *Lc* 10, 38-42

*Quem habitará, Senhor, no Vosso santuário?*

**COMENTÁRIO**

*O verdadeiro discípulo missionário de Cristo*

O Evangelho deste domingo é uma continuação do da semana passada e coloca-nos de novo na escola de Jesus na Sua viagem final a Jerusalém. Enquanto da outra vez a ocasião foi uma conversa com um doutor da Lei, a de hoje é a paragem de Jesus na casa de “uma mulher chamada Marta” e o Seu diálogo com ela (ou melhor, a crítica de Marta e a resposta de Jesus) sobre a atitude de Maria, sua irmã. Esta continuidade e complementaridade entre a passagem evangélica de hoje e a anterior ajuda-nos a compreender sob uma nova luz e talvez ainda mais correctamente o ensinamento fundamental que Jesus deixou não só a Marta naquela ocasião, mas também a cada um dos Seus discípulos/discípulas de todos os tempos.

*1. Do duplo mandamento do amor às duas atitudes em relação a Jesus: um esclarecimento necessário*

Como já foi referido, o episódio de hospitalidade na casa de Marta ocorreu imediatamente após a confirmação de Jesus a um doutor da Lei Mosaica da validade do duplo mandamento de amor a Deus e ao próximo para que se possa herdar a vida eterna. Além disso, através da parábola original do Bom Samaritano, Ele tinha ensinado uma nova forma de amar o outro, que consistia em tornar-se próximo de cada pessoa necessitada para além de todos os limites, superando as diferenças de nacionalidade, raça, grupo religioso, ou inimizades.

Agora, na casa das duas irmãs Marta e Maria, Jesus é confrontado com duas atitudes que parecem reflectir, na prática, estes dois aspectos do amor recomendados pela Lei e confirmados pelo próprio Jesus. Com efeito, Marta acolheu Jesus “enquanto Ele continuava o Seu caminho”, seguindo o modelo do patriarca Abraão que, alegre e generosamente, acolheu os convidados que passavam pela sua tenda, como nos recorda a primeira leitura. Com esse acto, Marta não só pôs em prática a boa tradição de hospitalidade do seu povo, mas também demonstrou, de facto, ter cumprido um aspecto importante de amor ao próximo, cuidando “com muito serviço” de Jesus e dos seus discípulos, seus hóspedes.

Por outro lado, Maria, a sua irmã (muito provavelmente a mais nova, porque a casa pertencia a Marta!), teve outra atitude: «sentada aos pés de Jesus, ouvia a Sua palavra.» O verbo “ouvir” nesta breve descrição refere-se directamente ao início da exortação a amar Deus: «Escuta, Israel! O SENHOR é o nosso Deus; o SENHOR é único. Amarás o SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (*Dt* 6, 4-5). Maria parecia assim ser um exemplo prático do mandamento do amor a Deus, ao ouvir com o coração o ensinamento divino que saía da boca do mestre Jesus.

Nesta perspectiva, os diferentes comportamentos das duas irmãs em relação a Jesus não são opostos, mas complementares e ambos necessários, tal como a prática dos dois aspectos do amor recomendados na Lei de Deus.

*2. “Andas inquieta e preocupada com muitas coisas”: uma suave correcção de Jesus sobre o amor de Marta*

Neste contexto, o que Marta faz para acolher Jesus é mais do que louvável e necessário. O único problema, como resulta claramente do texto, é que ela está a fazer o seu “muito serviço” para Jesus, de acordo com a sua própria maneira de ver. Isto coloca-a em crise, permitindo-se mesmo criticar a indiferença da sua irmã e mesmo a de Jesus: «Interveio então e disse: “Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe que venha ajudar-me.»

A intervenção é simpática. Mostra o carácter forte da mulher, dona de casa, que não tem papas na língua, até mesmo com Jesus, o ilustre convidado. E se diante do convidado Marta diz o que tem a dizer, podemos imaginar o que dirá e em que modo a sua irmã depois de todos os convidados terem saído!

Em qualquer caso, o mestre Jesus, precisamente por causa do que aconteceu, tem a oportunidade de corrigir essa atitude de amor ao próximo de acordo com a visão humana, que termina em chatice e na crítica a todos os outros que “não fazem como eu faço”! Ele dirige-se a Marta duas vezes: “Marta, Marta”, não por ela ser surda ou muito distraída, mas para chamar a sua atenção para uma mensagem muito importante, como Deus fazia no Antigo Testamento com os seus servos Abraão, Moisés, Samuel. Esta mensagem é precisamente aquela que a partir de agora cada um dos Seus discípulos deve aprender de cor: «*andas inquieta e preocupada* [lit. “te preocupas”] com muitas coisas, mas uma só é necessária.»

O acento aqui recai inteiramente sobre “uma só é necessária”. A repreensão de preocupar-se “com muitas coisas” serve precisamente para deixar espaço para esta única coisa necessária que Jesus exalta. Na mesma linha, Jesus até recomendou noutras ocasiões aos Seus discípulos que “não se preocupassem” com o que comer e o que vestir (cf. *Lc* 12, 22. 25. 26; *Mt* 6, 25. 27. 28. 31. 34). Uma tal atitude de não-preocupação na vida dos discípulos de Jesus equivale, por conseguinte, a uma orientação total para Deus e o Seu Reino, a única coisa necessária para eles agora. Esta visão correcta da hierarquia divina das coisas na vida dos discípulos será e deve ser a chave para a prática de amar o próximo de acordo com o pensamento de Deus e não de acordo com o dos homens! O serviço a Jesus ou em geral ao próximo também deve ser sujeito a um exame constante e purificação de acordo com o primado de “uma só (coisa) é necessária” para não cair numa situação paradoxal, mas frequente: no compromisso de servir os outros em nome do amor, chegar a perder tanto a paz interior (em mim) como a paz exterior (com os outros)!

*3. “Quando uma só é necessária”: a lição para um verdadeiro discipulado*

Qual é então a “única coisa necessária” a que Jesus se refere? É certamente a atitude de escuta das palavras de Jesus, como muitos notaram correctamente no texto: «Maria, que, sentada aos pés do Senhor, *escutava a Sua palavra*.» No entanto, vale a pena apontar também um pormenor do texto, que muitas vezes escapa à atenção dos leitores: Maria está “sentada aos pés” de Jesus. Esta posição é a habitual dos discípulos numa escola de um mestre, de acordo com a tradição Judaico-Rabínica. A escuta de Maria é, portanto, a escuta específica de um discípulo perante Jesus, que São Lucas Evangelista menciona aqui com o título solene “Senhor” para realçar a figura do mestre divino. Trata-se, por isso, da escuta atenta e obediente dos ensinamentos de Deus, transmitidos e explicados com autoridade por Jesus. E esta é precisamente a única coisa que Jesus chamou “a melhor parte”, porque Ele próprio proclamaria: «Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam» (*Lc* 11, 28).

Segundo a tradição rabínica, o estudo da Torá/Lei de Deus é a melhor de todas as actividades (*m.Aboth* 2,8; 3,2). A recomendação de Jesus sobre a atitude de Maria tem uma perspectiva semelhante, mas põe a ênfase na escuta das palavras de Jesus. Esta atitude revela-se fundamental e necessária para os Seus discípulos missionários. De facto, Ele próprio escolheu os doze apóstolos, “para estarem com Ele”, antes de os enviar em missão para proclamar e curar (cf. *Mc* 3, 14). Eis o verdadeiro discipulado missionário: estar com Jesus para escutar as Suas palavras, com todo o coração e toda a mente, para depois transmitir fielmente a Sua mensagem divina aos outros no caminho da vida. Que assim seja. Amén!

*Citações úteis:*

**João Paulo** **II**, Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário, ***Redemptoris Missio*, n. 91**

Por sua vez, os missionários reflictam sobre o dever da santidade, que o dom da vocação lhes exige, renovando-se dia-a-dia no seu espírito, e actualizando também a sua formação doutrinal e pastoral. O missionário deve ser «um contemplativo em acção». Encontra resposta aos problemas, na luz da palavra de Deus e na oração pessoal e comunitária. […] O missionário, se não é contemplativo, não pode anunciar Cristo de modo credível. Ele é uma testemunha da experiência de Deus e deve poder dizer como os Apóstolos: «O que nós contemplamos, ou seja, o Verbo da vida (...) nós vo-l’O anunciamos» (*1* *Jo* 1, 1-3).

**Papa Francisco**, ***Angelus***, Praça de São Pedro, **Domingo, 21 de Julho de 2019**

Nesta cena de Maria de Betânia aos pés de Jesus, São Lucas mostra a atitude orante do crente, que sabe estar na presença do Mestre para O ouvir e para se pôr em sintonia com Ele. Trata-se de fazer uma pausa durante o dia, de se recolher em silêncio, por alguns minutos, para dar espaço ao Senhor que “passa” e para encontrar a coragem de permanecer um pouco “à parte” com Ele, para depois voltar, com serenidade e eficácia, às situações da vida de todos os dias. Elogiando o comportamento de Maria, que “escolheu a melhor parte” (v. 42), Jesus parece repetir a cada um de nós: “Não te deixes dominar pelas coisas a fazer, mas antes de tudo ouve a voz do Senhor, para cumprir bem as tarefas que a vida te confiar.” […]

Portanto, o Evangelho de hoje recorda-nos que a sabedoria do coração consiste precisamente em saber conjugar estes dois elementos: *contemplação e acção.* Marta e Maria indicam-nos o caminho. Se quisermos saborear a vida com alegria, devemos associar estas duas atitudes: por um lado, “estar aos pés” de Jesus, para O ouvir enquanto Ele nos revela o segredo de tudo; por outro, estar atentos e prontos na hospitalidade, quando Ele passa e bate à nossa porta, com o rosto do amigo que tem necessidade de um momento de conforto e fraternidade. É necessária esta hospitalidade!

**Papa Francisco**, ***Angelus***, Praça de São Pedro, **Domingo, 17 de Julho de 2016**

No seu afadigar-se e cansar-se, Marta corre o risco de esquecer – e é este o problema – o mais importante, ou seja, a presença do hóspede, que neste caso era Jesus. Esquece-se da presença do hóspede. E o hóspede não deve ser simplesmente servido, alimentado, cuidado de todos os modos. É necessário sobretudo que seja ouvido. Recordai-vos bem desta palavra: ouvir! Porque o hóspede deve ser acolhido como pessoa, com a sua história, com o seu coração rico de sentimentos e de pensamentos, de modo que se possa sentir deveras em família. Mas se tu acolheres um hóspede em tua casa e continuares a desempenhar as tuas tarefas, mandas que se sente ali, tu e ele calados, é como se fosse de pedra: o hóspede de pedra. Não. O hóspede deve ser ouvido. Sem dúvida, a resposta que Jesus dá a Marta – quando lhe diz que uma só coisa é importante – encontra o seu significado pleno em referência à escuta da palavra do próprio Jesus, aquela palavra que ilumina e ampara tudo aquilo que somos e fazemos. […] E não devemos esquecer que na casa de Marta e Maria, Jesus, antes de ser Senhor e Mestre, é peregrino e hóspede. […] Para O receber não são necessárias muitas coisas; aliás, é necessária uma só: ouvi-l’O.

**Paolo Manna**, ***Virtù apostoliche****. Lettere ai missionari*, EMI, Bologna 1997, p. 302

Geralmente diz-se que Marta representa a vita activa e Maria a contemplativa. Ao lamento de Marta, Jesus responde: «Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada» (*Lc* 10, 41-42).

Isto que é necessário é a contemplação, que até é chamada a *melhor parte*. Se a contemplação é *necessária*, e é a *melhor parte*, como podem os missionários prescindir dela? Mas nós, dir-se-á, abraçámos a vida activa...! Digo-vos que não. Abraçámos o apostolado, que é a *vida completa* e verdadeiramente perfeita, porque é a vida que o Filho de Deus levou na terra. A vida puramente activa não existe. Maria escolheu a *melhor parte*: nós escolhemos o todo, que contém, *deve conter* principalmente e necessariamente a melhor parte, que é a Oração. O missionário é Maria em contemplação, é Marta em acção externa. O missionário que quer desempenhar sempre o papel de Marta é reprovado por Nosso Senhor, não é abençoado e não realiza nada.

Padre Dinh Anh Nhue Nguyen, OFMConv

Secretário-Geral da União Missionária Pontifícia (UMP)